



Cinara Monteiro Cortez

Que escola é possível?

Gerando entendimentos sobre os desafios no cotidiano escolar e nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública na favela

Tese de doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Maria das Graças Dias Pereira

Rio de Janeiro

Abril de 2015.



Cinara Monteiro Cortez

Que escola é possível?

Gerando entendimentos sobre os desafios no cotidiano escolar e nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública na favela

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Maria das Graças Dias Pereira
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Liana de Andrade Biar
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Sonia Kramer
Departamento de Educação – PUC-Rio

Profa. Tânia Mara Gastão Saliés
UERJ

Profa. Branca Falabella Fabrício
UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de abril de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Cinara Monteiro Cortez

Graduou-se em Letras (Português/Literaturas) pela UNESA em 2007. Possui especialização em Psicopedagogia Institucional pela UCAM – Instituto A Vez do Mestre (2009) e mestrado em Letras pela PUC-Rio (2011). É professora do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro e membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Cultura e Trabalho (PUC-Rio/CNPq).

Ficha Catalográfica

Cortez, Cinara Monteiro

Que escola é possível? : gerando entendimentos sobre os desafios no cotidiano escolar e nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública na favela / Cinara Monteiro Cortez ; orientadora: Maria das Graças Dias Pereira. – 2015.

283 f. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Ensino de língua portuguesa. 3. Linguística aplicada. 4. Prática exploratória. 5. Letramentos. 6. Escola pública. 7. Favela. I. Pereira, Maria das Graças Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Par os alunos e alunas da Escola X e
de todas as outras escolas de periferia.

Agradecimentos

À minha família, especialmente minha mãe e minha tia Rosa, por serem meu suporte e minha luz; e ao meu pai, professor Cid Vieira Cortez (*in memoriam*), por ter me inspirado a seguir o magistério e a pesquisa.

À minha orientadora, Maria das Graças Dias Pereira, por todo o carinho, pela paciência, pelo incentivo, pelo aprendizado e, especialmente, por sempre acreditar em mim.

À professora Inés Miller, pelas inúmeras colaborações e aulas fantásticas; e às professoras da banca, pela leitura em primeira mão desta pesquisa e pelas críticas e sugestões.

A todos os professores e professoras da PUC-Rio, com quem tive oportunidade de estudar e aprender tanta coisa incrível sobre o mundo e sobre mim mesma; e aos funcionários da secretaria de Letras, por toda boa vontade e carinho que sempre tiveram comigo.

Ao CNPq e a PUC-Rio, pelos auxílios concedidos que me permitiram realizar esta pesquisa.

Ao meu grande amigo e colega de trabalho, professor Daniel Klimroth, pelos papos, ideias, revisões, críticas, parceira, desabafos, cervejas, esporros, risadas... Cada parágrafo aqui tem um pouco (muito) de você. Admiro-te sem fim, amigo! Sem você, nada disso aqui aconteceria assim!

Ao meu outro super amigo e também colega de trabalho, professor Bruno Moreira, pelo carinho, amizade, empatia, parceria e pelas balinhas... Teu amor pelo o que faz me renova as forças todos os dias! Tamu junto!

Aos queridos colegas professores e professoras da Escola X, mesmo não encontrando palavras suficientes para agradecer todos/as vocês: Taíza, Valéria, Vanesa, Vanessinha, Flávinha, Verônica, Elaine, Mônica, Soninha, Rosana, Aline, Raquel, Luana, Jocélia, Clarice, Carlos Alessandro, Fernando, Ewerton, Roberto, Gino, Daniel P., Luciano, Felipe, Cajueiro, Zé Carlos, João, Rubevaldo, Falcão, Eduardo, Wanilo e a novata Dani! Também, àqueles/as que não estão mais lá conosco: Esther, D. Sônia, Fernanda, Raquelzinha, Shirley, Leandro e Lucimar! Obrigada, obrigada, obrigada!, por cada dia, por cada conversa, por todo o apoio e companheirismo! Melhor grupo ever!

À Mônica, Célia e Beth, por seu trabalho incrível na direção, pela aprendizagem diária que me proporcionam, pelas risadas, pelas pequenas e grandes alegrias de cada dia e pelo apoio em todos os momentos em que preciso.

Aos colegas-parceiros/as de trabalho, que sustentam e mantêm a escola funcionando: Bianca, Cirleide, Tamara, Socorro, Sheila, Simone, Valéria, Georgete (ainda parte da família), Lecy, Janete, Marta, Elizabete, Cida, Andrea, Kleber, Marília, Zilda, Sandra, Rúbia, Seu Irineu e Marlene (que não está mais conosco). Também às mães-voluntárias: tia Lourdes, Valéria e D. Dolores. Educar vai muito além da sala de aula e vocês abraçam isso em cada uma de suas ações. Obriga pela atenção que sempre me dedicam.

Aos alunos e alunas da Escola X, a quem dedico este trabalho, sem vocês nada disso seria possível.

Aos amigos-família de longe, lá longe agora: Renata, Washington e Rebeca, por sempre torcerem por mim, por estarem sempre perto em pensamento e vibrações. Amo vocês!

Aos amigos de militância, copo, tretas e vida: Jorge e Leandro, obrigada por me manterem sã, me lembrarem do que sou feita e não soltarem a minha mão quando tropeço pelas pedras no caminho. Juntos somos mais e somos fortes!

Aos outros/as companheiros e companheiras de militância e lutas, por me fazerem ser uma pessoa melhor: Tobias, Gilberto, Matheus, Livia, Arnaldo, Nilvio, João, Priscilla, Lidiane, Dan, Martha, Érica, Caren, Helena, Indianara, Serginho, Guaraci, Dani e Gil, Branquela e Rafael, Rose, Célia, Daniel, Bid, Léo, Marielen, Roberta, Ivonete (e tantos e tantas que não estão aqui, mas estão gravados em mim). Vocês me fazem acreditar que nada deve parecer impossível.

Aos amigos de Realengo, Padre Miguel, Bangu e outras periferias, por estarem sempre presentes, pela luta, pelos sonhos que mantemos, pela amizade: Anderson Velhinho, Alex, Ritinha, Zé Café e Lau, Loló, Sônia, Betinho, Maurício, Flávia, Brito, Fernanda, Mery, Beto e Paulinha, Tony, Paulo Medeiros, Marko Andrade, Cléber, Gularte, Cristina Marques, Alessandra, Jânio e Tetê, Luizinho, Alexandre Felix, Herbert, Andreia e Rogério, Raul e Rapha, Sandra e Leila, Cris e Alexandre, Cícero César e Laila, Iroco e Lene, Isa, Gabi, Julio, Guarnier...

Aos amigos dos papos-cabeça e dos papos de vida, Leinimar, Maurinho e Sabrina, Julio Gianini, Marcelo Biar, vocês são imprescindíveis!

Aos amigos/as da escola técnica Visconde de Mauá, com quem estudei no segundo grau, por me lembrarem da cinara-aluna que ainda vive em mim e de que escola é muito mais do que um lugar para se aprender conteúdos. Obrigada por ainda serem presentes em minha vida.

Ao plano espiritual e espíritos do bem, por me inspirarem os passos e me acompanharem durante todo o caminho.

A todos e todas, enfim, os/as que passaram e os/as ainda fazem parte de minha vida, cujas histórias e lições sobre a vida ajudaram a formar este ser que sou. Este trabalho é de todos vocês!

Resumo

Cortez, Cinara Monteiro; Pereira, Maria das Graças Dias. **Que escola é possível? Gerando entendimentos sobre os desafios no cotidiano escolar e nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública na favela.** Rio de Janeiro, 2015. 283 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O foco do estudo é a prática docente no ensino de língua portuguesa, com desafios no cotidiano escolar, em perspectivas de ordem micro e macro, em uma escola pública localizada em uma favela na Zona Oeste do Rio de Janeiro, área de violência e de exclusão social. O objetivo consiste em gerar entendimentos sobre algumas questões que emergiram a partir das interações em sala de aula e que resultaram em embates e resistências ao fazer pedagógico, afetando o processo de ensino e aprendizagem naquele contexto. As discussões e reflexões foram orientadas por atividades de letramentos com potencial exploratório realizadas principalmente em duas turmas de 8º ano no ano de 2014. Em uma perspectiva da Linguística Aplicada Transgressiva e alinhando-me a proposições que questionam o fazer científico tradicional, este estudo sugere a descolonialidade de nossas práticas como pesquisadores, orientando-se metodologicamente pelo olhar autoetnográfico e etnográfico. A proposta é embasada pela Prática Exploratória, como foco no processo pedagógico, buscando priorizar a qualidade de vida na sala de aula com a participação ativa de todos os envolvidos. Em encontro a esta proposta, defendo a ideia de um ensino de Língua Portuguesa voltado a uma noção de reação interpretativa durante as práticas de letramentos e de uma postura mais consciente do professor em relação à linguagem como *práxis*. Os dados compõem-se de uma série de sequências pedagógicas em atividades de sala de aula, assim como de informações institucionais, relatos, reportagens, entrevistas e anotações de meu diário e notas de campo, gerados desde minha inserção na rede municipal de ensino em 2013. As primeiras atividades realizadas apontaram para os modelos tradicionais de ensino como os legítimos a serem utilizados nas aulas de LP e sugeriram a ratificação de meu papel como professora a partir da autorização dos alunos. Com as atividades exploratórias, as percepções dos alunos sobre si e o *outro* no espaço escolar indicaram desnaturalizações sobre pré-conceitos e crenças sobre ensino, dinamizando as interrelações estabelecidas em sala de aula. Os entendimentos gerados colaboraram para apreensão do *outro*

como alguém potencialmente igual, enfatizando a alteridade como um exercício necessário e permanente para as práticas sociais e pedagógicas. Houve uma mudança de atitude em relação à legitimação do ensino de LP, sublinhando a compreensão de que o uso da língua e as atividades de letramentos encontram-se em todas as ações cotidianas. A vivência naquele contexto escolar demandou uma pesquisa que questionasse a própria forma de se pesquisar, possibilitando, especialmente, o discernimento dos diferentes saberes trazidos pelos alunos e de suas histórias locais como epistemes, e dando visibilidade aos diferentes mundos e culturas em contato no espaço escolar como mundos possíveis e em construção. Neste sentido, a idealização de uma escola que pudesse responder a todas as necessidades das classes menos privilegiadas cede vez à percepção de que pensar uma escola possível de acordo com as especificidades locais torna-se uma proposta mais coerente e engajada com aqueles outros mundos possíveis e seus atores na criação de inteligibilidades contingentes, processuais e contínuas.

Palavras-chave

Ensino de língua portuguesa; linguística aplicada; prática exploratória; letramentos; escola pública; favela.

Abstract

Cortez, Cinara Monteiro; Pereira, Maria das Graças Dias (Advisor). **What school is possible?: Generating understandings about the challenges during school routine and Portuguese language classes at a public school in a poor community.** Rio de Janeiro, 2015. 283 p. Doctoral Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The focus of this study is the Portuguese language teaching practice under macro and micro perspectives with everyday school challenges at a public school located in a poor community in Zona Oeste, Rio de Janeiro. The purpose consists in generating understandings about some questions which emerged from classroom interactions and resulted in loggishness and resistance against pedagogical labor, affecting the teaching-learning process in that context. The discussion and reflections were oriented by exploratory potential-like literacy activities mainly performed by two 8th grade classes during the year 2014. Adopting a Transgressive Applied Linguistics perspective and being aligned to propositions that question the traditional scientific methods, this study suggests the decoloniality of our practices as researchers, being guided by autoethnographic and ethnographic views. The proposal is based upon Exploratory Practice, as a pedagogical process focus, seeking to prioritize the quality of life in the classroom with active participation of all involved. Accommodating that proposal, I defend the idea of a Portuguese Language teaching focusing an interpretative reaction notion during literacy practices and a more conscious attitude from teachers towards language as *praxis*. Data is composed of a series of pedagogical sequences in classroom activities, as well as institutional information, accounts, reports, interviews and writings from my diary and field notes, which have been generated since my insertion in the municipal teaching system in 2013. The first accomplished activities pointed out to the traditional teaching models as the ones legitimated to be used in the PL classes and suggested the ratification of my role as a teacher from the students' authorization. With the exploratory activities, the students' perceptions about oneself and the *other* in the school context indicated denaturing of precepts and beliefs, enhancing the interrelations in the classroom. The achieved understandings collaborated with the apprehension of the *other* as someone

potentially equal, emphasizing alterity as a necessary and permanent exercise to social and pedagogical practices. There was a change in the attitude towards the legitimating of PL, underlying the comprehension that the use of language and the literacy activities are present in everyday actions. The existence in that school context demanded a kind of research which questioned the very way of researching, especially by enabling the different knowledge carried by the students and their local histories to be understood as episteme, and creating visibility to the different worlds and cultures in contact at school space as possible worlds under construction. In this respect, the idealization of a school which could respond to all the needs of the less privileged classes is replaced by the perception that thinking about a possible school according to the local specificities turns out to be a more coherent and engaged proposal to those other possible worlds and actors towards the creation of contingent, procedural and continuing intelligibilities.

Keywords

Portuguese language teaching; applied linguistics; exploratory practice; literacy; public school; poor community.

Sumário

1	De volta à escola: começando a construir entendimentos sobre a escola possível	18
1.1.	Das perguntas e objetivos que norteiam esta pesquisa	21
1.2.	Da estruturação e organização deste trabalho	23
1.3.	Daquilo que importa	25
2	Escola, linguagem e letramentos: uma breve discussão sobre desigualdades, preconceitos e exclusões	26
2.1.	A escola como um espaço de produção e reprodução de desigualdades	26
2.1.1.	A linguagem na escola e na sala de aula de língua: o que se produz e se reproduz	33
2.1.2.	Ensino de língua: uma prática de perpetuação de preconceitos	37
2.2.	A relação entre língua, letramentos e escola: processos legitimados de exclusão	43
2.2.1.	Letrar ou alfabetizar: afinal, o que é letramento?	46
2.2.2.	LetramentoS: um conceito sempre no plural	52
2.2.3.	Os letramentos como foco do ensino na escola: legitimando outros saberes	54
3	(Des)construindo bases para os entendimentos: outras discussões necessárias	58
3.1.	O campo para o entendimento: a Língua Aplicada como norte	58
3.1.1.	Por uma educação linguística, progressista e libertária	61
3.1.1.1.	A linguagem que indica e traduz o mundo: teorias da representação	63
3.1.1.2	A linguagem que (se) vive: o paradigma da práxis	67
3.1.1.3.	Ensino de língua: uma questão de postura em relação à linguagem	71
3.1.1.4.	Para além da postura: em defesa de uma atitude poética	73
3.2.	Abandonando a herança positivista: repensando a pesquisa acadêmica	80
3.2.1.	As vozes periféricas produzindo saberes	84
3.3.	A Prática Exploratória: o/a professor/a como pesquisador/a de sua própria sala de aula	87
3.3.1.	Pense globalmente, atue localmente, pense localmente	88
3.3.2.	A Prática Exploratória posta em prática: como realizar	91

a pesquisa

4	Refletindo sobre mim, o <i>outro</i> e os mundos possíveis: a pesquisa em curso	95
4.1.	O/a professor/a como antropólogo/a ou etnógrafo/a: considerações sobre estar no mundo do outro	96
4.1.1.	O exercício da análise: os mundos possíveis	99
4.1.2.	Experimentar e multiplicar: o trabalho antropológico	101
4.2.	Autoetnografia: a complexidade dos papéis de pesquisador/a e nativo/a	103
4.2.1.	A autoetnografia como base para a reflexão e a prática da pesquisa de campo	104
4.2.2.	A validade, confiabilidade e reconhecimento da pesquisa autoetnográfica	106
4.3.	O processo metodológico em detalhes: os dados gerados na pesquisa e sua organização para análise	109
4.3.1.	Como os dados foram gerados e organizados	109
4.3.2.	Como os dados foram incorporados à análise	112
4.3.3.	Atitude perante aos dados durante a análise	116
5	“Vila Kennedy é nós!”: notas sobre a comunidade, a rotina escolar e a rede municipal de ensino	119
5.1.	Vila Kennedy, a escola e todos nós: um mundo feito de muitos mundos	120
5.1.1.	“Eu moro na VK”: Vila Kennedy, sub-bairro de Bangu, na Zona Oeste pobre do Rio de Janeiro	120
5.1.2.	“O que que a escola tem?”: a Escola X descrita em palavras (e algumas imagens)	124
5.1.3.	“Depois de dar aula na Escola X, você consegue dar aula até no Iraque”. Um inventário de nossas concessões diárias	130
5.2.	O discurso institucional X a prática cotidiana	150
5.2.1.	A meritocracia como norte: o modelo americano “importado” para a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro	161
5.2.2.	“Avante companheiros que esta luta é minha e sua / Unidos venceremos e a greve continua!”: a greve de 2013/2014	164
6.	Pensando a escola juntos: criando entendimentos sobre algumas questões no cotidiano escolar	169
6.1.	Prólogo (ou “você é professora de que mesmo?”)	170
6.2.	“E aí, sobreviveu?”: os primeiros passos da pesquisa exploratória	173
6.2.1.	“Isso não é matéria!”: a reação dos/as alunos/as a atividades não-tradicionais	183
6.2.2.	“O caminho mais fácil”: os entendimentos gerados pelos/as professores/as	186
6.3.	“Como me sinto na sala de aula”: as primeiras	188

	atividades concretas com potencial exploratório em prática	
6.3.1.	<i>Puzzle 1</i> : Qual a relação entre como meus alunos e alunas se sentem em sala de aula e seus comportamentos e atitudes?	190
6.4.	Eu, o <i>outro</i> e o mundo: exercitando a alteridade	202
6.4.1.	<i>Puzzle 2</i> : Por que meus alunos e alunas se mostram tão indiferentes em relação ao <i>outro</i> ?	206
6.5.	“Eu não sou preto, sou moreno-claro”: preconceitos, racismo e outras questões	213
6.5.1.	<i>Puzzle 3</i> : Como me percebo e como percebo o <i>outro</i> ?	216
6.6.	“Minha escola”: entendimentos sobre o processo exploratório ao longo do ano	231
6.6.1.	“Como entendo o que estamos fazendo na sala de aula de língua portuguesa?”	231
7.	Construindo a escola possível: algumas considerações contingentes	243
7.1.	Construindo a escola possível	244
7.1.1.	Quais as maiores dificuldades encontradas nesta escola? Como estas dificuldades são tratadas durante a prática docente?	245
7.1.2.	Que reflexões teórico-metodológicas podem embasar esta pesquisa de uma forma realmente engajada com o <i>outro</i> e sua cultura e apontar caminhos para a discussão sobre as questões emergentes na sala de aula?	248
7.1.3.	Que questões emergem durante as interações em sala de aula possibilitando entendimentos que priorizem a qualidade de nossas relações e de nossas aulas?	250
7.1.4.	De que forma essas questões estão relacionadas com o ensino de língua portuguesa? Como o ensino de língua portuguesa pode colaborar para a construção das possibilidades dentro do contexto desta pesquisa?	254
7.2.	<i>Post Scriptum</i> (ou o que não pode deixar de ser dito)	256
8.	Referências bibliográficas	258
ANEXO 1	Entrevista entregue aos professores/as da Escola X	280
ANEXO 2	Texto – Lugar onde o sonho do negro é não ser negro	282

Lista de figuras

Figura 1 - Relação entre símbolo, pensamento/referência e referente (In: Ogden e Richards, 1976, p. 32).	64
Figura 2 - História dos cegos e o elefante	82
Figura 3 - Universidade do povo	87
Figura 4 - Três propostas da Prática Exploratória	91
Figura 5 - Fotos da Escola X (salas de aula, mobiliário e pátio frontal antes da pintura)	128
Figura 6 - Reportagem do Jornal O Dia sobre verba da educação	152
Figura 7 - Panfletos distribuídos pelos profissionais de educação do RJ durante a greve de 2013	164
Figura 8 - Imagens da Greve de 2013	166
Figura 9 - Atividade sobre placas e cartazes de rua (7º e 8º anos) em folha impressa entregue a cada grupo de alunos/as	175
Figura 10 - Exercício de ortografia para o 8º ano: folha 1	180
Figura 11 - Tempestade de ideias - Felicidade	207

Lista de tabelas

Tabela 1 - Recursos metodológicos da pesquisa	111
Tabela 2 - Atividade elaborada para o 8º ano (2013)	181

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é o outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

(Clarice Lispector, *A Descoberta do mundo*)